



CIÊNCIA E SAÚDE COLETIVA

CÓDIGO: PSC-902
CH: 30h (2 CRÉDITOS)
EMENTA: Esta disciplina pretende introduzir o aluno na discussão sobre os fundamentos da ciência, bem como analisar a constituição da Saúde Coletiva, suas interfaces paradigmáticas e sua natureza interdisciplinar, congregando campos de saber.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1. Compreender a historicidade do processo saúde-doença;
- Refletir sobre os significados da DOENÇA;
- Analisar os fundamentos da Medicina Social;
- Compreender as bases da Clínica e da Epidemiologia;
- Analisar o contexto do nascimento da saúde coletiva;
- Refletir sobre os fundamentos do conhecimento científico;

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Historicidade das concepções sobre o processo saúde-doença;
- A Doença;
- O nascimento da Medicina Social e do Hospital;
- A Clínica e a Epidemiologia;
- A Saúde Coletiva;
- Casos Instigantes: iniciando a reflexão sobre conhecimento científico;
- Noções sobre Lógica Formal;
- Concepções de verdade;
- O Indutivismo;
- O Falsificacionismo;
- Teorias como Estruturas.

BIBLIOGRAFIA:

BERLINGUER. Giovanni. A doença como diversidade. In: _____. A doença. São Paulo: Hucitec, 1988. p.58-75.

BERLINGUER. Giovanni. A doença como estímulo e perspectivas para a saúde. In: _____. A doença. São Paulo: Hucitec, 1988. p. 120-150.

BERLINGUER. Giovanni. A doença como perigo. In: _____. A doença. São Paulo: Hucitec, 1988. p.76-93.

BERLINGUER. Giovanni. A doença como sinal. In: _____. A doença. São Paulo: Hucitec, 1988. p.94-119.

BERLINGUER, Giovanni. A doença como sofrimento. In: _____. A doença. São Paulo: Hucitec, 1988. p.38-57.

BERLINGUER, Giovanni. Introdução e Muitas definições, poucas certezas. In: _____. A doença. São Paulo: Hucitec, 1988. p.11-37.

CHALMERS, A F. Apresentando o falsificacionismo. E Falsificacionismo sofisticado, novas previsões e o crescimento da ciência. E As limitações do Falsificacionismo. In: ____ O que é ciência afinal? p.64-108

CHALMERS, A F. Indutivismo: ciência como conhecimento derivado dos dados da experiência. e a Dependência que a observação tem da teoria. In: ____ O que é ciência afinal? p.23-63.

CHALMERS, A F. Teorias como estruturas: programas de pesquisa e Teorias como estruturas: os paradigmas de Kuhn. In: ____ O que é ciência afinal? p.123-136.

SCOREL, Sarah; BLOCH, Renata. As conferências nacionais de saúde na construção do SUS. In: LIMA, Nísia et al. Saúde e democracia: história e perspectivas do SUS. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. p.83-119.

SCOREL, Sarah; NASCIMENTO, Dilene R.; EDLER, Flavio C. As origens da reforma sanitária e do SUS. In: LIMA, Nísia et al. Saúde e democracia: história e perspectivas do SUS. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. p.59-81

FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social e o Nascimento do hospital. In: _____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p.79- 111.



SEMINÁRIOS DE PESQUISA II

CÓDIGO: PSC-931
CH: 15h (1 CRÉDITOS)

EMENTA: A disciplina é oferecida aos alunos que cursam o segundo ano do mestrado. Visa acompanhar e contribuir com o desenvolvimento das dissertações dos alunos, após a qualificação do projeto e antes da defesa da dissertação. São formados grupos de alunos e os seus respectivos orientadores, com base nas afinidades dos temas das dissertações. Consiste na apresentação dos projetos de pesquisa dos alunos/as seguido de debate, de modo que cada um/uma possa contribuir com a discussão do/a outro/a..

METODOLOGIA:

- Apresentação dos projetos pelos alunos e discussão com os alunos e os orientadores.

FORMA DE AVALIAÇÃO:

- Serão avaliadas: as apresentações dos alunos, a participação nas discussões e a frequência.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- Apresentação dos projetos pelos alunos e discussão.

BIBLIOGRAFIA:

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 3ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

ECO, UMBERTO. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

GOLDENBERG, P; MARSIGLIA, RMG; GOMES, MHA (orgs.) **O Clássico e o Novo. Tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

GRAY, DE. **Pesquisa no mundo real**. 2ª edição. Porto Alegre: Penso, 2012.

LAVILLE, C, DIONNE, J. **A construção do saber – manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre e Belo Horizonte: Artmed e Editora UFMG, 1999.



TEMAS INTRODUTÓRIOS AO ESTUDO DAS POLÍTICAS DE SAÚDE

CÓDIGO: PSC-928

CH: 45h (3 CRÉDITOS)

EMENTA: A construção da cidadania no Brasil e o direito social à saúde. A reforma do estado brasileiro sob o marco do capitalismo e a política de saúde. Globalismo e novos padrões societários. Desafios para a gestão pública e democrática do Sistema Único de Saúde.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Abordar o processo de construção tardia da cidadania no Brasil, bem como a formação do estatuto dos direitos sociais. Analisar os determinantes das políticas de saúde que têm vigorado no país em distintos contextos históricos, em particular a reforma democrática assegurada pela Constituição de 1988, inserindo o corpo doutrinário do SUS nesse contexto.

Situar a emergência do globalismo e questões correlatas, tais como: a transnacionalização dos capitais, o papel do Estado-nação e a (re) configuração dos direitos dos cidadãos.

Compreender a Reforma Sanitária como projeto civilizatório, o SUS enquanto política de ampliação da esfera pública e de redução das desigualdades sociais, assim como a tendência de privatização da assistência à saúde.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Módulo I

- O debate sobre a questão da cidadania;
- Emergência e constituição da cidadania no Brasil (sécs. XIX a XXI);
- Alternância do estatuto dos direitos em diferentes contextos históricos.

Módulo II

- A saúde como questão social;
- Universalidade: direitos e deveres dos cidadãos;
- Equidade: igualdade na saúde e desigualdade social;
- Controle social: democracia; interesses públicos e privados.

Módulo III

- A questão social no cenário do globalismo;
- A produção da saúde e interesses transnacionais
- O papel do Estado-nação; antigos e novos direitos dos cidadãos.

Módulo IV

- Uma política de saúde para o cidadão: a recriação de estratégias, métodos e instrumentos de gestão para o SUS;

- O papel regulador do setor público e a privatização dos interesses públicos na saúde;
- A reestruturação produtiva e a emergência de novos modelos assistenciais.

BIBLIOGRAFIA:

ABRANCHES, S.H.; Santos, W.G. & Coimbra, M.A. Política social e combate à pobreza. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

ALMEIDA, C. Crise econômica, crise do Welfare State e reforma sanitária. In Gerschman, S.; Vianna, M.L.W. (orgs.) A miragem da pós-modernidade, democracia e políticas sociais no contexto da globalização. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.

BARBALET, J.M. A cidadania. Lisboa, Editoria Estampa, 1989.

BARROS, E. Política de saúde no Brasil: a universalização tardia como possibilidade de construção do novo. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro 1(1), 1996.

BERLINGUER, G. Ética da saúde. São Paulo:Hucitec, 1996.

BOBBIO, N. A era dos direitos. Rio de Janeiro: Campus,1992. (I parte).

Bobbio, N. Igualdade e liberdade. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

Braga, J.C.S. & Paula, S.G. Saúde e Previdência: estudos de política social. São Paulo: Cebes-Hucitec, 1981. (caps. 2,3).

Braga, J.C.S. & Silva, P. L.B. A mercantilização admissível e as políticas públicas inadiáveis: estrutura e dinâmica do setor saúde no Brasil. In Negri, B.; Di Giovanni, G. Brasil: radiografia da saúde. Campinas, S.P: Unicamp. IE, 2001.

Brasil. Ministério da Administração e da Reforma do Estado (MARE) 1995 Plano Diretor da Reforma do Estado. Brasília: Presidência da República. Imprensa Oficial.

Campos, GWS.Reforma política e sanitária: a sustentabilidade do SUS em questão.Rio de Janeiro: *Ciência & Saúde Coletiva*. 12(2):301-317,2007.

Carvalho, J.M. Cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 7ª ed., 2005.

Costa, N.R. Lutas urbanas e controle sanitário: origens das políticas de saúde no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

Coutinho, C. N. Representação de interesses, formulação de políticas e hegemonia. In Teixeira, S.F. (org.)Reforma Sanitária: em busca de uma teoria. São Paulo: Cortez; Rio de Janeiro: Abrasco, 1989.

Cunha, M.A.O. Tendências da assistência hospitalar privada: um estudo de caso sobre a atenção domiciliar na cidade do Recife. Recife, 2003. (Dissertação de Mestrado,Centro de Ciências da Saúde, UFPE).

- Dallari, S.G. Os estados brasileiros e o direito à saúde. São Paulo: Hucitec, 1995.
- Dupas, G. Tensões contemporâneas entre o público e o privado. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- Eibenschutz, C. (org.) Política de saúde: o público e o privado. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.
- Esping-Andersen, G. As três economias políticas do Welfare State. Lua Nova. São Paulo 24: 85-114, 1991.
- Fiori, J.L. Em busca do dissenso perdido: ensaios críticos sobre a festejada crise do Estado. Rio de Janeiro: Insight Editorial, 1995.
- Fleury, S. Estado sem cidadãos: seguridade social na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.
- Hochman, G. A Era do Saneamento: as bases da política de Saúde Pública no Brasil. São Paulo: Hucitec-Anpocs, 1998. (caps. 2,3,4). Lyda, M. Cem anos de saúde pública: a cidadania negada. São Paulo: Editora Unesp, 1994.
- Iriart, C.B.; Merhy, E.E.; Waitzkin, H. La atención gerenciada en America Latina: transnacionalización del sector salud en el contexto de la reforma. Rio de Janeiro: Cad. de Saúde Púb. 16: 95-105, 1999.
- Laurell, A.C. La lógica de la privatización en salud. In Eibenschutz, C. (org.) Política de saúde: o público e o privado. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.
- Laurell, A.C. La salud: de derecho social a mercancía. In Laurell, A.C. (org.) Nuevas tendencias y alternativas en el sector salud. 2. ed. México: Universidad Autónoma Metropolitana/ Fundación Friedrich Ebert, 1995.
- Marshall, T.H. & Bottomore, T. Ciudadanía y clase social. Buenos Aires: Editorial Losada, 2005.
- Mello, A.F. Marx e a globalização. 2 ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.
- Merhy, E.E. A saúde pública como política: um estudo de formuladores de política. São Paulo: Hucitec, 1992.
- Merhy, E.E. Saúde: a cartografia do trabalho vivo. São Paulo: Hucitec, 2002.
- Montãno, C. Terceiro setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social. São Paulo: Cortez, 2002.
- Navarro, V. Produção e Estado de bem-estar. O contexto política das reformas. Lua Nova. São Paulo, 28/29: 157-199, 1993.
- Nicholson, B. A previdência injusta: como o fim dos privilégios pode mudar o Brasil. São Paulo: Geração Editorial, 2007.
- Oliveira, F. Os direitos do antivalor: a economia política da hegemonia imperfeita. São Paulo: Vozes, 1998.

Oliveira, J.A. & Teixeira, S.F. (IM) Previdência Social: 60 anos de história da Previdência no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

Patto, M.H.S. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. Estudos Avançados. São Paulo, (13) 35; 167-198, 1999.

Pereira, P.A. O Estado de bem-estar e as controvérsias da igualdade. Serviço Social e Sociedade. São Paulo, 20: 66-81, 1986.

Prado Júnior, C. Formação do Brasil Contemporâneo. In Santiago, S. (org.) Intérpretes do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2ª ed., 2002.

Sader, E. & Gentili P. (orgs.) Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

Sader, E. & Gentili P. (orgs.) Pós-neoliberalismo II: que Estado para que democracia? Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. (caps. 1, 3, 7).

Santos, L. O poder regulamentador do Estado sobre as ações e os serviços de saúde. In Fleury, S. (org.) Saúde e democracia: a luta do Cebes. São Paulo: Lemos Editorial, 1997.

Santos, W.G. Cidadania e justiça. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

Singer, P. A cidadania para todos. In Pinsky, J. & Pinsky, C.B. - História da cidadania. São Paulo: Contexto, 2003.

Telles, V.S. Sociedade civil e construção de espaços públicos. In Dagnino, E. (org.) Anos 90: política e sociedade no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Telles, V.S. A nova questão social brasileira. Praga: estudos marxistas, (6): 107-116, 1998.

Viana, A.L. Enfoques metodológicos em políticas públicas: novos referenciais para os estudos sobre políticas sociais. In Canesqui, A. M. (org.) Ciências sociais e saúde. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1997.

Vianna, M.L.T.W. As armas secretas que abateram a seguridade social. In Lesbaupin, I. O desmonte da Nação: balanço do governo FHC. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

Vieira, E. Estado e miséria social no Brasil: de Getúlio a Geisel, 1951 a 1978. São Paulo: Cortez, 4ª ed., 1995.

Vieira, L. Os argonautas da cidadania: a sociedade civil na globalização. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Vita, A. de. Justiça liberal: argumentos liberais contra o neoliberalismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.



BIOESTATÍSTICA

CÓDIGO: PSC-927
CH: 45h (3 CRÉDITOS)
EMENTA: A disciplina tem como objetivo abordar os aspectos teóricos e práticos da estatística descritiva e inferencial destinada à análise dos estudos epidemiológicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- Distribuição de frequência, representação gráfica;
- Medidas de posição e variabilidade;
- Distribuição normal, distribuição binomial, distribuição Poisson. Aproximação à distribuição normal;
- Noções sobre probabilidade;
- Conceitos de Amostragem e inferência estatística (teste de hipótese);
- Teste de significância para médias (teste z, teste-t simples e pareado), análise de variância (teste F) e teste para proporções (teste qui-quadrado);
- Construção e interpretação de intervalo de confiança para médias e proporções;
- Funções lineares: fundamentos e pressupostos. Correlação. Teste de significância para o coeficiente de correlação. Análise de regressão linear simples (mínimos quadrados). Teste de significância para o coeficiente de regressão. Inferência e predição a partir da equação de regressão.

BIBLIOGRAFIA:

ARMITAGE, P.; BERRY, G. Statistical Methods in Medical Research. Oxford, Blackwell Scientific Publication, 1994.

KIRKWOOD, BR; Jonathan AC Sterne. Essential Medical Statistics. Oxford: Blackwell Scientific Publication, 2nd ed 2006.

VIEIRA, S. Introdução à Bioestatística.. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2002.



BASES E FUNDAMENTOS DA EPIDEMIOLOGIA

CÓDIGO: PSC-926

CH: 45h (3 CRÉDITOS)

EMENTA: A disciplina constitui-se em quatro áreas temáticas, a primeira visa introduzir a evolução histórica da Epidemiologia enquanto disciplina científica enfatizando as tendências presentes no desenvolvimento recente da disciplina e suas perspectivas futuras. Na segunda, tem-se por objetivo propiciar aos alunos o reconhecimento das principais bases de dados existentes no país, de interesse para os epidemiologistas, quanto a sua abrangência, periodicidade, disponibilidade de acesso, limites e potencialidade de uso, habilitando-os à estimativa e interpretação das medidas de doenças e agravos à saúde. A terceira área temática tendo como referência as teorias de transição epidemiológica e demográfica, propicia o reconhecimento e análise da situação de saúde da população brasileira. Integra, também, os objetivos da disciplina introduzir as principais estratégias de investigação em Epidemiologia, enfatizando as características básicas dos desenhos de estudo, sua aplicabilidade e limites.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. Bases Históricas e Teóricas da Epidemiologia

- Fundamentos, conceitos e evolução histórica da Epidemiologia;
- Os diferentes paradigmas da epidemiologia: da causalidade, do risco e da determinação;
- Campos de aplicação da Epidemiologia.

2. Fontes, Sistemas de Informação, medidas de doenças e agravos à saúde e categorias de análise em epidemiologia:

- Tempo, pessoa e lugar. Outras categorias de análise: espaço, gênero, raça e desigualdade social;
- Sistema de informação em saúde. Bases de dados nacionais de interesse para a epidemiologia, com ênfase nos subsistemas de: informação sobre Mortalidade- SIM, informação sobre Nascidos Vivos-SINASC, informação sobre agravos notificáveis-SINAN
- informação hospitalar -SIH-SUS, informação ambulatorial-SIA-SUS e o Síntese. Bases de dados demográficos: Censodemográfico e PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios);
- Sistema de Classificação Internacional das doenças- CID;
- Medidas estatísticas mais utilizadas em epidemiologia: Taxa, índice, razão e proporção. Conceito, construção da medida e interpretação, aplicação e limites. Medidas de frequência de morbidade e mortalidade: Taxa de incidência (cumulativa e de densidade) e taxa de prevalência (no ponto e no período). Taxas de Mortalidade e letalidade. Indicadores demográficos: taxa de natalidade e fecundidade. Taxa de mortalidade geral, taxa de mortalidade específica por causa e idade Taxa de mortalidade infantil, materna e natimortalidade. Anos potenciais de vida perdidos. RPM-Razão Padronizada de Mortalidade. RMP- Razão de Mortalidade Proporcional;
- Taxas brutas, específicas e ajustadas. Padronização de taxas: método direto e indireto;
- Construção de denominadores para o cálculo de taxas: estimativas populacionais.

3. Situação de saúde da população brasileira, tendências e determinantes.

- Teorias de transição epidemiológica e demográfica: aspectos teóricos. Análise da situação de saúde no Brasil e seus determinantes, sua evolução histórica à luz das teorias de transição.

4. Estratégias de Investigação em Epidemiologia.

- Estudos epidemiológicos de intervenção e estudos observacionais: de agregados -correlação ecológica- e de base individual - corte transversal, caso-controle e coorte. Características gerais, indicação considerando a questão a ser investigada;
- Medidas de associação e de impacto em estudos epidemiológicos: razão de incidências (risco relativo), razão de prevalência, odds ratio (razão de chance), risco atribuível e fração de prevenção.

BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA FILHO, N. Os paradigmas da Epidemiologia in Almeida Filho, N. A Clínica e a Epidemiologia. Salvador, APCE/ABRASCO, 1992. p.90-104.

ALMEIDA FILHO, N. Des-construindo o conceito de risco. In: Almeida Filho, N. A Clínica e a Epidemiologia. Salvador, APCE/ABRASCO, 1992. p. 123 -143.

ALMEIDA FILHO, N.; ROUQUAYROL, M.Z. Introdução à Epidemiologia. 3a Ed., Rio de Janeiro :MEDSI, 2002.

AYRES, J.R. O problema do conhecimento verdadeiro na Epidemiologia. Rev. Saúde. Pública, 26 (3): 206-14, 1992.

ABOUZHR, C. & BOEMA, Ties. Health information systems: the foundations of public health. Bull. World Health Organ. 83: 578-583, 2005.

BARBIERI, T. Sobre a categoria gênero: uma introdução teórico-metodológica. SOS-CORPO - Instituto Feminista para a Democracia, 1993. 18p.

BARRETO, M.L. A Epidemiologia, sua história e crises. Notas para pensar o futuro. In Costa, D.C. (org.) Epidemiologia, Teoria e Objeto. Hucitec- ABRASCO São Paulo, 1990.

BARRETO, Mauricio Lima; Carmo, Eduardo Hage. Padrões de adoecimento e de morte da população brasileira: os renovados desafios para o Sistema Único de Saúde. Ciên. Saúde Coletiva, Nov 2007.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de situação em saúde. Brasil 2006: uma análise da situação de saúde no Brasil, Brasília.:Ministério da Saúde, 2006. pp 1-23.

CAMURÇA, S & GOUVEIA, T. O que é gênero. Recife : SOS-CORPO - Instituto Feminista para a Democracia, 2004. 40p.

COSTA, D. C. (org.) Epidemiologia: Teoria e objeto. São Paulo, Hucitec/Abrasco, 1990.

HAKKERT, R. Fontes de dados demográficos. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP, 1996

HENNEKENS, C. H.; BURING, J. E. Epidemiology in Medicine, 1988. Little Brown. p.54-73.

KRIEGER, N. Genders, sexes, and health: what are the connections-and why does it matter? *Int. J. of Epidem.* 2003 ; 32 (4) :652-7.

KRIEGER, N. Refiguring "race": epidemiology, racialized biology, and biological expressions of race relations. *Int. J. of Health Serv.* 2000 ;30(1):211- 6. Review.

LAURENTI, R.; MELLO JORGE, M.H.P.; LEBRÃO, M.L. & GOTLIEB, S.L.D. *Estatísticas de Saúde*. São Paulo: EPU, 1987. Cap. 7, p. 133-42.

MAGALHÃES, Rosana. Monitoramento das desigualdades sociais em saúde: significados e potencialidades das fontes de informação. *Ciências e Saúde coletiva*, Jun 2007, 12 (3), p.667-673.

MENDES GONÇALVES, R.B. Contribuição à discussão sobre as relações entre teoria, objeto e método em Epidemiologia. in *Anais I Congresso Brasileiro de Epidemiologia - Campinas 1992*, p.346-61.

MORAES, I. *Informações em saúde: da prática fragmentada ao exercício da cidadania*. São Paulo / Rio de Janeiro, HUCITEC, 1994, 172p., cap. 2-3.

PEARCE, N. Tradicional Epidemiology, modern epidemiology and public health. *Am. J. Publ. Health*, 86 :678-683, 1996.

SILVA Jr., J.B.; Barros, M.B.A. Epidemiologia e desigualdade: notas sobre a teoria e a história. *Rev Panam Salud Publica/Pan Am J Public Health* 12(6), 2002 :375-383 *Sistemas de Informação em Saúde*. IESUS, V (2): 65-6. Abr / jun, 1996.

SUSSER, M. Epidemiology in the United States after the world war II: The evolution of technique. *Epidemiol. Rev.* 7:147-177, 1985.

SUSSER, M.; SUSSER, E. Chosing a future for epidemiology. Part. 1: Eras and Paradigmas. *Am. J. Publ. Health*, 86:668-673, 1996.

TRAVASSOS, C; WILIIAMS, DR. The concept and measurement of race and their relationship to public health: a review focused on Brazil and the United States. *Cad. Saúde Pública*, June 2004, 20 (3) :660-678.



SEMINÁRIOS DE PESQUISA

CÓDIGO: PSC-904
CH: 45h (3 CRÉDITOS)
EMENTA: Esta disciplina pretende subsidiar os alunos com informações necessárias para a elaboração de seu projeto de dissertação de mestrado, através da discussão das diferentes etapas nele implicados. Além disso, deverá constituir-se num fórum de participação conjunta dos orientadores e seus alunos que será desenvolvido durante o primeiro ano do curso.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Reflexão teórica sobre a gênese e a construção do problema científico;
- O Processo de Produção Científica: Objeto de Trabalho, Agente do Trabalho, Meios e Instrumentos de Trabalho, Produto do Trabalho;
- Identificação do tema de pesquisa;
- Discussão das necessidades (justificativas) que motivaram a realização do referido Processo de Produção Científica;
- Formulação da Pergunta-condutora (questão científica);
- Formulação dos objetivos da pesquisa.

BIBLIOGRAFIA:

ALVES, Rubem. Filosofia da ciência: introdução ao jogo e a suas regras. 2a ed. São Paulo: Loyola, 2000.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724 Informação e documentação: trabalhos acadêmicos; apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

_____. NBR 10520. Informação e documentação: citações em documentos; apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

_____. NBR 6023. Informação e documentação: referências; elaboração.

BARROS, Fernando C. & VICTORA, Cesar G. Epidemiologia da saúde infantil: um manual para diagnósticos comunitários. 3a ed. São Paulo: Hucitec-Unicef, 1998.

CHALMERS, Alan F. O que é ciência, afinal? São Paulo: Brasiliense, 1993.

CONTANDRIOPOULOS, André-Pierre; CHAMPAGNE, François; POTVIN, Louise et al. Saber preparar uma pesquisa: definição, estrutura, financiamento. 3ª ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

DAY, Robert A. Cómo escribir y publicar trabajos científicos. Washington: OPS, 1990. (Publicación Científica 526).

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1989.

GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 20ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisa: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 1999.

HAGUETTE, Teresa Maria F. Metodologias qualitativas na sociologia. Petrópolis: Vozes, 1987.

HENNEKENS, Charles H. & BURING, Julie E. Epidemiology in medicine. Boston-Toronto: Little, Brown and Company, 1987.

LAKATOS, Eva M. & MARCONI, Marina de A. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2000.

LAKATOS, Eva M. & MARCONI, Marina de A. Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MARCONI, Marina de A & LAKATOS, Eva M. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa,

MINAYO, Maria Cecília de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo / Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1992.

RIEGELMAN, Richard K. & HIRSCH, Robert P. Cómo estudiar un estudio y probar una prueba: lectura crítica de la literatura médica. Washington, D.C.: OPS, 1992.(Publicación Científica 531).

TOBAR, Federico & YALOUR, Margot R. Como fazer teses em saúde pública: conselhos e idéias para formular projetos e redigir teses e informes de pesquisas. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.



PLANEJAMENTO E GESTÃO EM SAÚDE

CÓDIGO: PSC-903

CH: 45h (3 CRÉDITOS)

EMENTA: Os conceitos, métodos e tecnologias de planejamento e gestão em saúde construídos ao longo do tempo expressam diferentes percepções sobre Estado, Administração, análise de realidade de saúde, processo de decisão e formulação de políticas.

O distanciamento verificado entre a decisão de políticas e a sua aplicação tem sido objeto de várias indagações e tentativas de explicações. Considerando o planejamento e a gestão como ferramentas auxiliares na implantação das políticas de saúde, interessa aprofundar alguns aspectos: as organizações de saúde como arenas específicas no campo da saúde coletiva; os atores/sujeitos, como os formuladores e implementadores de projetos de políticas; e a política, como expressão da representação de interesses.

A disciplina propõe-se a refletir sobre as diferentes abordagens de planejamento e gestão em saúde, em particular as metodologias estratégicas, assinalando potencialidades, limitações e aplicações práticas em diferentes níveis da realidade de saúde e dos serviços. As características dos modelos e métodos de gestão adotados em instituições de saúde na conformação de modalidades de atenção à saúde da população e possíveis contribuições ao desenvolvimento do SUS.

O Acesso à Saúde é analisado a partir das decisões sobre a elaboração, organização e execução dos planos estratégicos de ação.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Pensar o Planejamento para a Saúde;
- Teoria Geral da Administração: o homem e o trabalho;
- O Planejamento e Gestão em Saúde: abordagens conceituais e metodológicas;
- Campo de investigação do Planejamento e Administração em Saúde;
- O planejamento em saúde e seus vários níveis de intervenção sobre a realidade;
- Diferentes racionalidades organizacionais e as práticas de planejamento e gestão;
- A operacionalização das ferramentas de planejamento e gestão para o cuidado em saúde.

BIBLIOGRAFIA:

BARBOSA, Pedro R. & LIMA, Sheyla Maria L. Gestão em Saúde: bases para maior responsabilidade, eficiência e eficácia. Curso de Capacitação para Gestores Municipais do Sistema de Saúde de Pernambuco. Textos complementares. NESC/FIOCRUZ/PE, p.7-13. Recife, 1998.

CASTIEL, LD & URIBE RIVERA, FJ. Planejamento em Saúde e Epidemiologia no Brasil: casamento ou divórcio. Caderno de Saúde Pública, R.J., 1(4): 447-456, out/dez, 1985.

CAMPOS, RO. Planejamento e razão instrumental: uma análise da produção teórica sobre planejamento estratégico em saúde, nos anos noventa, no Brasil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 16(3): 723-731 jul. - set, 2000.

CHORNY, A. H. Bases Conceituais e Metodológicas do Planejamento em Saúde. Traduzido por FEKETI, M. C. para o Curso de Especialização do Projeto GERUS. OMS/MS, 1995.

DE TONI, Jackson. O que é planejamento estratégico situacional? Revista Espaço Acadêmico, no. 32, Janeiro de 2004.

DUSSAULT. Gilles A gestão dos serviços públicos de saúde ? características e exigências. Revista de Administração Pública, Abril/Junho, V. 26(2). FGV: Rio de Janeiro, 1992.

FORTES, Alexandre. Subsídio para implantação do sistema de gerenciamento. Assessoria em Planejamento Estratégico.

HARTZ, Z. M. A. & SILVA, L. M. V. (Organizadora). Avaliação em Saúde: dos modelos teóricos à prática na avaliação de programas e sistemas de saúde. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005.

JUNQUEIRA, Luciano & INOJOSA, Rose Marie. Gestão dos serviços públicos de saúde: em busca de uma lógica da eficácia. Revista de Administração Pública, Abril/Junho, V. 26(2), FGV: Rio de Janeiro, 1992.

MATUS, Carlos. Precisamos Planejar? In: Adiós señor presidente. Caracas, Venezuela: Pomaire/Ensayos, 1987.

MENDES, EV. O planejamento da saúde no Brasil: origens, evolução, análise crítica e perspectivas. Série: Desenvolvimento de Serviços de Saúde No. 8. Organização Pan-americana de Saúde. Oficina Regional, Brasília. Organização Mundial de Saúde. 1988. Método Altadir de Planejamento Popular (MAPP) e o Planejamento Estratégico Situacional (PES).

OLIVEIRA, J A Puppim. Desafios do planejamento em políticas públicas: diferentes visões e práticas. RAP, R.J., 40(1): 273-88, Mar./Abr. 2006.

PAIM, JS & TEIXEIRA, CF. Política, planejamento e gestão em saúde: balanço do estado da arte. Rev. Saúde Pública, S.P., 40 (N Esp):73-8, 2006.

PROTEMPG - CNPq. A gestão como tecnologia: Teoria Geral da Administração (TGA) e Planejamento Social. Programa Multiinstitucional em Planejamento e Gestão. Projeto Escola de Governo. p. 14-24. UNICAMP, 1997.

TEIXEIRA, CF. Epidemiologia e planejamento de saúde. Ciência & Saúde Coletiva, R.J., 4(2):287-303, 1999.

Referências Bibliográficas Complementares

CAMPOS, Gastão Wagner S. Reforma da reforma: repensando a saúde. Ed. Hucitec, São Paulo, 1992, p. 131-212.

_____. Um método para análise e co-gestão de coletivos. São Paulo: Hucitec, 2000. (Saúde em Debate 131).

_____. A gestão enquanto componente estratégico para implantação de um sistema público de saúde. Cadernos da Nona. Brasília, v.2, p. 9-17, 1992.

CAMPOS, G. W. S.; MERHY, E.E.; NUNES, E. D. Planejamento sem normas. Ed. Hucitec, São Paulo, 1994, 2a edição.

CECILIO, L. C. de. (Org.). Inventando a mudança na saúde. São Paulo: Hucitec, 1994.

GALLO, E. (org.). Razão e planejamento: reflexões sobre política, estratégia e liberdade. São Paulo - Rio de Janeiro, Hucitec/ABRASCO, 1995.

MATUS, Carlos. Política, planificación y gobierno. Washington D.C.: OPS, 1987.

MENDES, Eugênio Vilaça. Uma Agenda para a Saúde. Ed. Hucitec. São Paulo, 1996. p. 233-295.

MÉDICI, A. & BARROS SILVA, P.L. A administração flexível: uma introdução às novas filosofias de gestão. Revista de Administração Pública. 27(3):26-35. jul. /set. 1993.

MERHY, EE. Planejamento como tecnologia de gestão: tendências e debates do planejamento em saúde no Brasil. In GALLO, E. (org.) Razão e Planejamento: Reflexões sobre Política, Estratégia e Liberdade. Editora Hucitec/ABRASCO, São Paulo-Rio de Janeiro, 1995, p.117-149.

_____. O ato de governar as tensões constitutivas do agir em saúde como desafio permanente de algumas estratégias gerenciais. Ciência & Saúde Coletiva 4 (2): 305-314. 1999.

MERHY, E E & ONOCKO, R. (Orgs). Agir em saúde: um desafio para o público. São Paulo: Hucitec, 1997.

ONOCKO, R. C. O Planejamento no Labirinto: uma viagem hermenêutica. Editora Hucitec, São Paulo, 2003.

RIBEIRO, J.M. & COSTA, N.R. Experiências em gestão descentralizada de redes e organizações In NEGRI, B. & DI GIOVANNI, G. (org.). Brasil: uma radiografia da saúde. Campinas: Universidade Estadual de Campinas & Instituto de Economia. 2001.

SCHRAIBER, L. B. et al. Planejamento, gestão e avaliação em saúde: identificando problemas. Ciência e Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, v.4, n.2, p. 221-42,1999.

TAVARES, M.C. Gestão estratégica. São Paulo: Editora Atlas, 2000.

TESTA, Mário. Pensar em saúde. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

_____. Pensamento estratégico e lógica de programação: o caso da saúde. São Paulo: Hucitec/Rio de Janeiro: ABRASCO, 1995.

URIBE RIVERA, F. J. Planejamento de saúde na América Latina: revisão crítica. In: Planejamento e programação em saúde: um enfoque estratégico. São Paulo: Cortez, 1989. p.11-21. (Pensamento social e saúde; v. 2).

URIBE RIVERA, F. J. & ARTMANN, E. Planejamento e gestão em saúde: flexibilidade metodológica e agir comunicativo. Ciência e Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, v.4, n.2, p.355-65, 1999.

BARBOSA, Pedro R. & LIMA, Sheyla Maria L. Gestão em Saúde: bases para maior responsabilidade, eficiência e eficácia. Curso de Capacitação para Gestores Municipais do Sistema de Saúde de Pernambuco. Textos complementares. NESC/FIOCRUZ/PE, p.7-13. Recife, 1998.

CASTIEL, LD & URIBE RIVERA, FJ. Planejamento em Saúde e Epidemiologia no Brasil: casamento ou divórcio. Caderno de Saúde Pública, R.J., 1(4): 447-456, out/dez, 1985.

CAMPOS, RO. Planejamento e razão instrumental: uma análise da produção teórica sobre planejamento estratégico em saúde, nos anos noventa, no Brasil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 16(3): 723-731 jul. - set, 2000.

CHORNY, A. H. Bases Conceituais e Metodológicas do Planejamento em Saúde. Traduzido por FEKETI, M. C. para o Curso de Especialização do Projeto GERUS. OMS/MS, 1995.

DE TONI, Jackson. O que é planejamento estratégico situacional? Revista Espaço Acadêmico, no. 32, Janeiro de 2004.

DUSSAULT. Gilles A gestão dos serviços públicos de saúde ? características e exigências. Revista de Administração Pública, Abril/Junho, V. 26(2). FGV: Rio de Janeiro, 1992.

FORTES, Alexandre. Subsídio para implantação do sistema de gerenciamento. Assessoria em Planejamento Estratégico.

HARTZ, Z. M. A. & SILVA, L. M. V. (Organizadora). Avaliação em Saúde: dos modelos teóricos à prática na avaliação de programas e sistemas de saúde. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005.

JUNQUEIRA, Luciano & INOJOSA, Rose Marie. Gestão dos serviços públicos de saúde: em busca de uma lógica da eficácia. Revista de Administração Pública, Abril/Junho, V. 26(2), FGV: Rio de Janeiro, 1992.

MATUS, Carlos. Precisamos Planejar? In: Adiós señor presidente. Caracas, Venezuela: Pomaire/Ensayos, 1987.

MENDES, EV. O planejamento da saúde no Brasil: origens, evolução, análise crítica e perspectivas. Série: Desenvolvimento de Serviços de Saúde No. 8. Organização Pan-americana de Saúde. Oficina Regional, Brasília. Organização Mundial de Saúde. 1988. Método Altadir de Planejamento Popular (MAPP) e o Planejamento Estratégico Situacional (PES).

OLIVEIRA, J A Puppim. Desafios do planejamento em políticas públicas: diferentes visões e práticas. RAP, R.J., 40(1): 273-88, Mar./Abr. 2006.

PAIM, JS & TEIXEIRA, CF. Política, planejamento e gestão em saúde: balanço do estado da arte. Rev. Saúde Pública, S.P., 40 (N Esp):73-8, 2006.

PROTEMPG - CNPq. A gestão como tecnologia: Teoria Geral da Administração (TGA) e Planejamento Social. Programa Multiinstitucional em Planejamento e Gestão. Projeto Escola de Governo. p. 14-24. UNICAMP, 1997.

TEIXEIRA, CF. Epidemiologia e planejamento de saúde. Ciência & Saúde Coletiva, R.J., 4(2):287-303, 1999.

Referências Bibliográficas Complementares

CAMPOS, Gastão Wagner S. Reforma da reforma: repensando a saúde. Ed. Hucitec, São Paulo, 1992, p. 131-212.

_____. Um método para análise e co-gestão de coletivos. São Paulo: Hucitec, 2000. (Saúde em Debate 131).

_____. A gestão enquanto componente estratégico para implantação de um sistema público de saúde. Cadernos da Nona. Brasília, v.2, p. 9-17, 1992.

CAMPOS, G. W. S.; MERHY, E.E.; NUNES, E. D. Planejamento sem normas. Ed. Hucitec, São Paulo, 1994, 2a edição.

CECILIO, L. C. de. (Org.). Inventando a mudança na saúde. São Paulo: Hucitec, 1994.

GALLO, E. (org.). Razão e planejamento: reflexões sobre política, estratégia e liberdade. São Paulo - Rio de Janeiro, Hucitec/ABRASCO, 1995.

MATUS, Carlos. Política, planificación y gobierno. Washington D.C.: OPS, 1987.

MENDES, Eugênio Vilaça. Uma Agenda para a Saúde. Ed. Hucitec. São Paulo, 1996. p. 233-295.

MÉDICI, A. & BARROS SILVA, P.L. A administração flexível: uma introdução às novas filosofias de gestão. Revista de Administração Pública. 27(3):26-35. jul. /set. 1993.

MERHY, EE. Planejamento como tecnologia de gestão: tendências e debates do planejamento em saúde no Brasil. In GALLO, E. (org.) Razão e Planejamento: Reflexões sobre Política, Estratégia e Liberdade. Editora Hucitec/ABRASCO, São Paulo-Rio de Janeiro, 1995, p.117-149.

_____. O ato de governar as tensões constitutivas do agir em saúde como desafio permanente de algumas estratégias gerenciais. Ciência & Saúde Coletiva 4 (2): 305-314. 1999.

MERHY, E E & ONOCKO, R. (Orgs). Agir em saúde: um desafio para o público. São Paulo: Hucitec, 1997. 13 10/09/2008 Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

ONOCKO, R. C. O Planejamento no Labirinto: uma viagem hermenêutica. Editora Hucitec, São Paulo, 2003.

RIBEIRO, J.M. & COSTA, N.R. Experiências em gestão descentralizada de redes e organizações In NEGRI, B. & DI

GIOVANNI, G. (org.). Brasil: uma radiografia da saúde. Campinas: Universidade Estadual de Campinas & Instituto de Economia. 2001.

SCHRAIBER, L. B. et al. Planejamento, gestão e avaliação em saúde: identificando problemas. Ciência e Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, v.4, n.2, p. 221-42,1999.

TAVARES, M.C. Gestão estratégica. São Paulo: Editora Atlas, 2000. TESTA, Mário. Pensar em saúde. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

_____. Pensamento estratégico e lógica de programação: o caso da saúde. São Paulo: Hucitec/Rio de Janeiro: ABRASCO, 1995.

URIBE RIVERA, F. J. Planejamento de saúde na América Latina: revisão crítica. In: Planejamento e programação em saúde: um enfoque estratégico. São Paulo: Cortez, 1989. p.11-21. (Pensamento social e saúde; v. 2).

URIBE RIVERA, F. J. & ARTMANN, E. Planejamento e gestão em saúde: flexibilidade metodológica e agir comunicativo. Ciência e Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, v.4, n.2, p.355-65, 1999.



PLANEJAMENTO E ANÁLISE DE ESTUDOS EPIDEMIOLÓGICOS

CÓDIGO: PSC-930

CH: 45h (3 CRÉDITOS)

EMENTA: A disciplina tem por objetivo capacitar os alunos para compreender os fundamentos dos principais delineamentos de estudos no campo da epidemiologia. O conteúdo programático abrange as principais estratégias de investigação. Enfatiza aspectos teóricos e técnico-metodológicos no campo da pesquisa em Epidemiologia.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Estudos de corte-transversal: Características gerais, peculiaridades na análise. Principais tipos de viéses;
- Estudos de caso-controle. Características gerais. Tipos de caso-controle. Definição de exposição. Definição, identificação e seleção de grupo(s) de comparação. Principais tipos de viéses. Indicação e efeito de pareamento. Aplicações dos estudos de caso-controle na pesquisa epidemiológica;
- Estudos de coorte: Características gerais. Tipos de coortes. Principais tipos de viéses. Aplicações dos estudos de coortes na pesquisa epidemiológica;
- Estudos ecológicos: Características gerais. Tipos de estudo: 1- estudos de análise de agregados espaciais. 2- estudos de variações e tendências temporais. Descrição gráfica e análise de séries temporais. Pertinência e limites de sua aplicabilidade na avaliação das intervenções em saúde coletiva. Principais problemas metodológicos nos estudos de agregados;
- Estudos de intervenção: de base populacional e ensaios clínicos. Características gerais. Tipos de estudos. Peculiaridades na análise. Principais tipos de viéses. Aspectos éticos nos estudos experimentais. Pertinência e limites dos estudos quanto a sua aplicabilidade na avaliação das intervenções em saúde (tecnologias, programas e serviços);
- Construção e validação de instrumentos de coleta de dados na pesquisa epidemiológica: elaboração de questionários; conceito e avaliação da confiabilidade e validade (sensibilidade, especificidade, valor preditivo positivo e negativo);
- Validade nos estudos Epidemiológicos: Precisão e validade, diferenciação de erro sistemático e erro randômico. Tipos de erros sistemáticos: viés de informação e de seleção. Conceito de confundimento e interação. Formas de ajuste para confundimento: no desenho e na análise;
- Aspectos éticos em pesquisa.

BIBLIOGRAFIA:

HENNEKENS, C.H.& BURING, J. E. Epidemiology in Medicine, Boston :Little Brown and Company. 1st Ed., 1988. Chap. 2 - Design Strategies in Epidemiologic Research (p.16-29).

HENNEKENS, C.H.& BURING, J. E. Epidemiology in Medicine, Boston :Little Brown and Company. 1st Ed., 1988. Chap. 4 - Measures of disease frequency and association (p.54-98)

SCHULZ, KF, GRIMES, DA. Descriptive studies: What they can and cannot do. The Lancet, v.359, p.57-61, 2002.

HENNEKENS, C.H.& BURING, J. E. Epidemiology in Medicine, Boston :Little Brown and Company. 1st Ed., 1988. Chap. 5 - Descriptives Studies (p.101-131).

HENNEKENS, C.H.& BURING, J. E. Epidemiology in Medicine, Boston :Little Brown and Company. 1st Ed., 1988. Chap. 6 - Case-control Studies (p.132-152).

COLE, P. In: BRESLOW, N.E.; DAY, N.E. Statistical Methods in Cancer Research. The analysis of case-control studies. IARC Scientific Publication, 32, Lyon, France :International Agency for Research on Cancer, 1980. Vol.1, Chap.1.

HENNEKENS, C.H.& BURING, J. E. Epidemiology in Medicine, Boston :Little Brown and Company. 1st Ed., 1988. Chap. 7 - Cohort Studies (p.153-177).

GORDIS, L. Epidemiology. Philadelphia: W.B. Saunders Company, 1996. Chap.6 - Assessing the efficacy of preventive and therapeutic measures: Randomized Trials. P.89-97.

MORGENSTERN, H.A.L. Ecologic Studies in Epidemiology: Concepts, principles, and Methods. Annu. Rev. Public Health, 1995; 16: 61-81.

MORGENSTERN, H. Ecologic Studies. In: Rothman, K.J.; Greenland, K J. Modern Epidemiology. Philadelphia :Lippincott - Raven, 2nd ed.,1998. p.459-480.

MAYER, J.D. The role of spacial analysis and geographic data in the detection of disease causation. Soc. Sci. Med. 17: 1213-1221, 1983.

ROTHMAN, K.J.; GREENLAND, K J. Introduction to Stratified Analysis. In: Rothman, K.J.; Greenland, K J. Modern Epidemiology. Philadelphia:Lippincott - Raven, 2nd ed.,1998. p.115-134.

HENNEKENS, C.H.& BURING, J. E. Epidemiology in Medicine, Boston :Little Brown and Company. 1st Ed., 1988. Chap. 13 - Screening (p.327-347).



INFORMÁTICA EM EPIDEMIOLOGIA

CÓDIGO: PSC-929
CH: 30h (2 CRÉDITOS)
EMENTA: A Disciplina de Informática em Epidemiologia tem por objetivo capacitar os alunos para o uso de programas de computação para análise e apresentação gráfica de dados na perspectiva da análise epidemiológica.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Fornecer instrumentos para o uso dos programas: EPI-INFO (Center of Disease Control/CDC) e STATA Statistical software.

BIBLIOGRAFIA:

DEAN, A.G. et al. Epi-Info, Versão 6: um sistema de processamento de texto, banco de dados e estatística para epidemiologia em microcomputadores. Atlanta, Georgia: Center of Disease Control and Prevention, 1994. 589 p. (Cap. 2, pp. 11-15; Cap. 7, pp. 73-81; Cap. 8, pp. 83-96; Cap. 9, pp. 97-111; Cap. 10, pp. 113-20; Cap. 11, pp. 121-135).

LIMA, M., MARQUES, N. Informática aplicada à pesquisa científica com Epi-Info. Editora Universitária/ UFPE, 1996.

STATA CORPORATION. Stata Version version 8.2. College Station: Stata Corporation.



SAÚDE BUCAL COLETIVA

CÓDIGO: PSC-925
CH: 45h (3 CRÉDITOS)

EMENTA: Reflexão sobre as grandes áreas da saúde bucal coletiva (epidemiologia, planejamento, gestão e política) tendo como pano de fundo sua aplicabilidade à realidade sócio-assistencial brasileira.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Relacionar os determinantes sociais da saúde com a saúde bucal;
- Analisar dados epidemiológicos, conhecendo o perfil contemporâneo da saúde bucal e apresentar resultados de levantamentos locais e nacionais objetivando informar o padrão de distribuição atual das principais patologias bucais;
- Conhecer as vigilâncias do Campo da Saúde: epidemiológica, sanitária, ambiental e do trabalhador;
- Explorar o histórico das políticas de saúde bucal;
- Discutir atenção primária em saúde bucal incorporando elementos da gestão, planejamento, financiamento, controle social e avaliação;
- Discutir atenção secundária em saúde bucal incorporando elementos da gestão, planejamento, financiamento, controle social e avaliação;
- Discutir atenção terciária em saúde bucal incorporando elementos da gestão, planejamento, financiamento, controle social e avaliação;
- Debater a Política Nacional de Saúde Bucal (Brasil Sorridente).

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

O referencial pedagógico será o método de ensino aprendizagem através da técnica de problematização. As teorizações serão feitas a partir de aulas expositivas, exibição de filme, leitura de textos, apresentação de seminário e discussão coletiva para retificações e ajustes conceituais.

BIBLIOGRAFIA:

1) Determinantes Sociais

- Equidade e direito à saúde entra na agenda global.** Revista Radis Janeiro de 2012.
- Chaves, MM. **Complexidade e transdisciplinaridade:** uma abordagem multidimensional do setor saúde. (<http://www.nc.ufrj.br/ftp/complexi.doc/> acessado em 26/10/02).
- Dahlgren G, Whitehead M. **Policies and strategies to promote social equity in health.** Copenhagen: WHO, Regional Office for Europe; 1992.
- Whitehead M, Dahlgren G, Gilson L. **Developing the policy response to inequities in Health:** a global perspective. ill;- Challenging inequities in health care: from ethics to action. New York:Oxford University Press; 2001:309-322.
- Asamblea Mundial de la Salud. **[Reducir las inequidades sanitarias actuando sobre los determinantes sociales de la salud.](#)** 62ª Asamblea Mundial de la Salud. Punto 12.5 del orden del día (WHA62.14); 2009.
- Asamblea Mundial de la Salud. **[Resultados de la Conferencia Mundial sobre los Determinantes Sociales de la Salud.](#)** 65.ª Asamblea Mundial de la Salud. Punto 13.6 del orden del día (WHA65.8); 2012.
- CNDSS-Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde. **[As causas sociais das iniquidades em saúde no Brasil.](#)** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; 2008.
- General Assembly of the United Nations. **[The future we want.](#)** Resolution adopted by the General Assembly. Sixty-sixth session Agenda item 19 (A/RES/66/288); 2012.
- Organização Mundial da Saúde. **[Diminuindo diferenças: a prática das políticas sobre determinantes sociais da saúde: documento de discussão.](#)** Rio de Janeiro: OMS; 2011.
- World Health Organization. **[Declaração Política do Rio sobre Determinantes Sociais da Saúde.](#)** Rio de Janeiro: WHO; 2011.<http://bvssdss.icict.fiocruz.br/php/index.php>.

2) Levantamento e análise de dados epidemiológicos

COSTA, A.J.L, NADANOVSK, P, LUIZ, R.R. **Epidemiologia e bioestatística na pesquisa odontológica.** São Paulo: Atheneu; 2005

3) Histórico das políticas de saúde bucal

- ALVES, R.X. *et al.* **Evolução do acesso à água fluoretada no Estado de São Paulo, Brasil: dos anos 1950 à primeira década do século XXI,** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 28 Sup:S69-S80, 2012
- CORDON, J. **A construção de uma agenda para a saúde bucal coletiva.** Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 13(3):557-563, jul-set, 1997
- FRAZÃO, P.; NARVAI, P.C. **Saúde Bucal no Sistema Único de Saúde: 20 anos de luta por uma política pública.**Saúde em Debate, Rio de Janeiro. V.33. n.81, p.64 -71.Jan/abril de 2009.
- NARVAI, P.C. **Avanços e desafios da Política Nacional de Saúde Bucal no Brasil.** Tempus - Actas de Saúde Coletiva - Saúde Bucal
- RONCALLI, A.G. *et. Al.* **MODELOS ASSISTENCIAIS EM SAÚDE BUCAL NO BRASIL: TENDÊNCIAS E PERSPECTIVAS, AÇÃO COLETIVA: VOL. II (1),** JAN/MAR 1999

4) Atenção primária em saúde bucal

BULGARELLI, Alexandre Favero et al. **Atenção primária à saúde e a construção de sentidos para a saúde bucal: leitura construcionista social sobre discursos de idosos.** *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2012, vol.17, n.8, pp. 2053-2062. ISSN 1413-8123.

COLUSSI, Claudia Flemming and CALVO, Maria Cristina Marino. **Modelo de avaliação da saúde bucal na atenção básica.** *Cad. Saúde Pública* [online]. 2011, vol.27, n.9, pp. 1731-1745. ISSN 0102-311X.

FACCIN, Deniz; SEBOLD, Rafael and CARCERERI, Daniela Lemos. **Processo de trabalho em saúde bucal: em busca de diferentes olhares para compreender e transformar a realidade.** *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2010, vol.15, suppl.1, pp. 1643-1652. ISSN 1413-8123.

KUSMA, Solena Ziemer; MOYSES, Simone Tetu and MOYSES, Samuel Jorge. **Promoção da saúde: perspectivas avaliativas para a saúde bucal na atenção primária em saúde.** *Cad. Saúde Pública* [online]. 2012, vol.28, suppl., pp. s9-s19. ISSN 0102-311X.

MOURA, Marcoeli Silva de et al. **Saúde bucal na estratégia de saúde da família em um colegiado gestor regional do estado do Piauí.** *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2013, vol.18, n.2, pp. 471-480. ISSN 1413-8123.

NOBREGA, Carolina Bezerra Cavalcanti; HOFFMANN, Rosana Helena Schllitler; PEREIRA, Antonio Carlos and MENEHIM, Marcelo de Castro. **Financiamento do setor saúde: uma retrospectiva recente com uma abordagem para a odontologia.** *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2010, vol.15, suppl.1, pp. 1763-1772. ISSN 1413-8123.

5) Política Nacional de Saúde Bucal

ANTUNES, J.L.F.; NARVAI, P.C. **Políticas de saúde bucal no Brasil e seu impacto sobre as desigualdades em saúde.** *Rev Saúde Pública* 2010;44(2):360-5

BRASIL. Ministério da Saúde. **Caderno de Atenção Básica nº 17.** Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

COSTA, J.F.R.; CHAGAS, L.D., SILVESTRE, R.M.(Org.). **A POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE BUCAL DO BRASIL: REGISTRO DE UMA CONQUISTA HISTÓRICA.** Brasília-DF, 2006.

NARVAI, P.C. FRAZÃO, P. **Saúde Bucal no Brasil: Muito além do céu da boca.** 1ª Edição. Editora FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2008



PRÁTICAS INTEGRATIVAS, RACIONALIDADES E CUIDADOS EM SAÚDE

CÓDIGO: PSC-924

CH: 45h (3 CRÉDITOS)

EMENTA: A Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) tem possibilitado uma abertura maior para os estudos que objetivam investigar esse campo de saberes e práticas tradicionais a diferentes culturas. Essa disciplina visa a abordar as práticas integrativas e complementares em saúde em expansão no Brasil e a interpretação de sentidos e significados dessas práticas para os sujeitos. Serão abordadas a dimensão do cuidado integral em saúde e as diferentes racionalidades em saúde, bem como os recursos complementares ou alternativos aos serviços de saúde que visam o processo saúde-doença.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Apresentação dos alunos; introdução da disciplina; referências bibliográficas; dinâmica das aulas, avaliação.
2. Vídeo sobre as PICs gravado no Congresso do NE: A PNPICS
3. Os conceitos de racionalidade/racionalização/racionalismo em Max Weber
4. A Racionalidade da Medicina Ocidental Contemporânea: crises e desafios
5. conceito de racionalidades médicas de Madel Luz.
6. As diferentes racionalidades em saúde (vitalistas; biomédicas; leigas, etc.)
7. Medicinas Alternativas e Complementares (MACs) e Práticas Integrativas e Complementares (PICs): suas racionalidades e formas de cuidado em saúde.
8. A Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC).
9. As diretrizes da OMS em relação às Medicinas Tradicionais.
10. Raízes patológicas na cultura ocidental e a atual crise sanitária. Discussão Palestra aberta: Dr. Mukambo ou Dr. Celerino “Naturopatia como mãe das PICs”
11. Custo / efetividade das MACs e PICs Estilos de desenvolvimento e de mudança social que visam o bem estar humano e o modo como impactam na dimensão do cuidado à saúde
12. Redes de cuidado à saúde presentes na sociedade civil atualmente Metodologia: MARES
13. As medicinas tradicionais pelo mundo (pesquisa dos alunos)
14. Os três setores de cuidado à saúde: Informal, Popular e Profissional (Laplantini/Kleinman)
15. As medicinas populares (Loyola)
16. A espiritualidade no cuidado à saúde
17. Abordagens atuais de cuidados em saúde
18. Da crise da hegemonia do racionalismo a abertura a outras dimensões do cuidado à saúde: subjetivas, sensíveis, simbólicas, intuitivas.
19. Humanização das ações em saúde. Cuidado como valor. Avaliação da disciplina, Visita ao CIS

Bibliografia

AYRES, JRCM. Sujeito, intersubjetividade e práticas de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 6, p. 63-72, 2001.

AYRES, JRCM. Cuidado e reconstrução das práticas de saúde. *Revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação*. Botucatu, SP, v. 8, n. 14, pp. 73-91, set 2003-fev 2004.

BARROS, NF; SIEGEL, P; DE SIMONI, C. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: passos para o pluralismo na saúde. *Cad. Saúde Pública*, v.23, n.12, Rio de Janeiro, dez 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde – Secretaria de Atenção Básica. POLÍTICA NACIONAL DE PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE - SUS. Brasília: MS, 2006.

CANTER, PH; COON, JT, ERNST, E. Cost effectiveness of complementary treatments in the United Kingdom: systematic review. *BMJ* vol. 331, n. 15, october, 2005, pp.880-881.

FONTES, O. *Educação Biomédica em transição conceitual*. São Paulo: UNIMEP, 1999.

FRANCO, TB. As redes na micropolítica do processo de trabalho em saúde. In: PINHEIRO, R. & MATTOS, R. (Orgs.) *Gestão em Redes: práticas de avaliação, formação e participação na saúde*. Rio de Janeiro: CEPESC-IMS/UERJ-ABRASCO, pp.459-474, 2006.

FRANK, R. Integrating homeopathy and biomedicine: medical practice and knowledge production among German homeopathic physicians. *Sociology of Health & Illness* vol. 24 no. 6 2002, pp. 796–819.

GADAMER, HG. *O caráter oculto da saúde*. Petrópolis: Vozes, 2006.

GOMES, JVL; MAGALHÃES, RF. Max Weber e a Racionalidade: Religião, Política e Ciência. *Teoria e Cultura*. v.3, n.1/2, p.79-92, 2003.

GUIMARÃES, MBL. Intuição, pensamento e ação na clínica. *Revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, SP, vol. 9, p. 317-332, 2005.

HELMAN, Cecil. *Cultura, Saúde e Doença*. Ed. Artmed, 2009.

INTERNATIONAL CONFERENCE ON PRIMARY HEALTH CARE (1978: Alma Ata, URSS). Report of the International Conference on Primary Health Care jointly sponsored by the World Health Organization and the United Nations Organization and United Nations Children's Fund, Geneva], WHO, 1978.

LACERDA, A; VALLA, VV; GUIMARÃES, MB; LIMA, CM. As redes participativas da sociedade civil no enfrentamento dos problemas de saúde-doença. In: PINHEIRO, R & MATTOS, R (orgs.). *Gestão em redes: práticas de avaliação, formação e participação na saúde*. Rio de Janeiro: CEPESC, p. 445-457, 2006.

LOYOLA, MA. *Médicos e curandeiros: conflito social e saúde*. São Paulo: Difel, 1984. 198p.

LUZ, MT (Org.). V Seminário do Projeto Racionalidades Médicas: Estudo comparativo das Medicinas Ocidental Contemporânea, Homeopática, Tradicional Chinesa e Ayurvédica. In: Série - Estudos de Saúde Coletiva, n 136. Universidade do Rio de Janeiro, UERJ, out. 1996.

LUZ, MT.; BARROS, NF. (Orgs.) *Racionalidades Médicas e Práticas Integrativas em Saúde: Estudos teóricos e empíricos*. Rio de Janeiro: UERJ/IMS/LAPPIS, 2012. 452p.

MARTINS, PH. *Contra a desumanização da medicina*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MATTOS, RA. A Integralidade na prática (ou sobre a prática da integralidade). *Cad. Saúde Pública*, vol.20, no.5, pp.1411-1416, set./out. 2004.

MERHY, EE. Em busca do tempo perdido: a micropolítica do trabalho vivo em Saúde. In: MERHY, EE. e ONOCKO, R. (Orgs.). *Agir em Saúde: um desafio para o público*. São Paulo: Hucitec, p. 71-112, 1997.

PELIZZOLI, ML. (Org.) *Saúde em novo paradigma – alternativas ao modelo da doença*. Recife: EDUFPE, 2011.

_____ (Org.). *Caminhos da saúde – a integração mente-corpo*, Petrópolis: Vozes, 2010.

_____ (Org.). *Bioética como novo paradigma*. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____ (Org.). *Novas visões em saúde*. Recife: EDUFPE, 2013.

_____ *Homo ecologicus*. Caxias: EDUCS, 2011.

_____ *Saúde integral – dietas preventivas e curativas*. Recife: EDUFPE, 2013.

_____ *Visão histórica e sistêmica: bases para o paradigma integrativo em saúde*. In: Barreto, Alexandre (org.) *Práticas integrativas em Saúde*. Recife: EDUFPE, 2014.

_____ “Saúde: entre Ciência, Doença e Mercado - Reflexões epistemológico-críticas”. In: BARRETO, A. *Integralidade e Saúde: epistemologia, Política e práticas de cuidado*. Recife: EDUFPE, 2011.

_____ . “Do ego ao Self: desenraizamento e sofrimento”.

PINHEIRO, R., MATTOS, R. *A Construção da Integralidade: cotidiano, saberes e práticas em saúde*. RJ: IMS-UERJ Abrasco, 2003.

ODENT, M. *Gênese do homem ecológico: mudar a vida, mudar o nascimento, o instinto reencontrado*. São Paulo: Tao, 1981.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. *Estrategia de la OMS sobre medicina tradicional 2014-2023*. OMS, 2013.

REICH, WE, Deus e o Diabo. SP: Martins Fontes, 2003.

SIROIS, FM. Motivations for consulting complementary and alternative medicine practitioners: A comparison of consumers from 1997–8 and 2005. *BMC Complementary and Alternative Medicine*, 2008, pp. 8-16.

SOUSA, IMC. Práticas integrativas e complementares: oferta e produção de atendimentos no SUS e em municípios selecionados. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 28 (11): 2143-2154, nov, 2012.

SOUZA, EAA; LUZ, MT. Bases socioculturais das práticas terapêuticas alternativas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, n.2, abr.-jun. 2009, p.393-405.

WELLS, S. *Pandora's seeds*. New York: Random House, 2010 (ver resumo: *Sementes de Pandora: O custo imprevisto da Civilização*)

W.H.O. Traditional Medicine Strategy 2002-2005. Geneve: WHO,2002. 65p.



FUNDAMENTOS DE ECONOMIA EM SAÚDE

CÓDIGO: PSC-915
CH: 45h (3 CRÉDITOS)

Disciplina de Fundamentos de Economia em Saúde
Proposta de Desenvolvimento Interinstitucional

UFPE
CPqAM
IMIP

Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva - PPGSC

Disciplina: **FUNDAMENTOS DE ECONOMIA EM SAÚDE**

Coordenação: **ADRIANA FALANGOLA BENJAMIN BEZERRA – UFPE/PPGSC**

GARIBALDI DANTAS GURGEL JUNIOR - CPqAM

FERNANDO GUSMÃO - IMIP

EMENTA

Introduzir conceitual e metodologicamente o campo da economia em saúde, as políticas macroeconômicas e reformas do setor saúde, a economia do setor público, a política fiscal financiamento do sistema de saúde, a estrutura de contas da saúde, as relações entre o sistema público e o privado, modalidades de estudos, potencialidades, limitações e contradições da econômica em saúde. Manejo de bancos de dados e pesquisas no campo.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Discutir os fundamentos teórico-conceituais e operacionais da economia em saúde tendo em vista à equidade, a agenda da proteção social e os desafios a sustentabilidade de sistemas universais de saúde e avaliação econômica instrumentalizando para o desenvolvimento de pesquisas na área.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1) Discutir as escolas, bases teórico-metodológicas e instrumentos de pesquisa no campo da economia em saúde
- 2) Abordar criticamente os desenhos de estudos científicos desenvolvidos na interface economia/saúde
- 3) Discutir tópicos de relevância para o Sistema Único de Saúde brasileiro.
- 4) Analisar a política pública e privada de financiamento da saúde

METODOLOGIA

A disciplina utiliza um enfoque baseado na abordagem de processos integradores de ensino–pesquisa e serviços, baseados em aulas expositivas, seminários e estudos dirigidos. O curso terá uma base conceitual e uma ênfase especial para a utilização de instrumentos e ferramentas para operacionalização de pesquisa científica neste campo.

AVALIAÇÃO

Será avaliada a participação dos(as) alunos(as) em sala de aula, sua participação nos trabalhos em grupo e estudos dirigidos relacionados à temática tratada.

BIBLIOGRAFIA

1. NERO, Carlos Del. (2002). “O que é Economia da saúde”. In: PIOLA, SÉRGIO F. e VIANNA, Solon M. **Economia da Saúde Conceito e contribuições para a Gestão de Saúde**. IPEA, Brasília – 2002. Capítulo I.
2. MCPAKE, B; KUMARANAYAKE, L.; NORMAND, C. **Health Economics: an international perspective**. Routledge, New York 2003, 2ªed.
3. MUSGROVE P. **Health Economics in Development**. World Bank, 2004.
4. PIOLA, Sérgio F.; VIANNA, Solon M. (org.). **Economia da saúde: conceitos e contribuição para a gestão da saúde**. 3ª ed. Brasília: IPEA, 2002.
5. CHING, Hong Yug. **Manual de Custos de Instituições de Saúde**, São Paulo: Atlas, 2001. Caps 4, 5, 7 e 8
6. DOLAN, P. (2001). **Output Measures and Valuation in Health** in Drummond & McGuire (Eds), *Economic Evaluation in Health Care: Merging Theory with Practice*, Oxford University Press
7. Drummond, M. F., Stoddart, G. L. e Torrance, G. W. **Methods for the economic evaluation of health care programmes**, Oxford Medical Publications, 1997.
8. UGÁ, M. A. (2002). “Instrumentos de Avaliação Econômica dos Serviços de Saúde: Alcances e Limitações”. In: PIOLA, Sérgio F. e VIANNA, Solon M. **Economia da Saúde: conceitos e contribuição para a gestão da saúde**. IPEA, Brasília. Capítulo IX (pp209 – 224).
9. FOLLAND, Sherman, GOODMAN C. Allen & STANO, Miron. **A Economia da Saúde. 5ed**. Porto Alegre. Artmed/Bookman, 2008.



TÓPICOS AVANÇADOS EM BIOESTATÍSTICA

CÓDIGO: PSC-913
CH: 45h (3 CRÉDITOS)
EMENTA: Habilitar os alunos para a aplicação de conceitos e técnicas avançadas de análise epidemiológica: análise multivariada (com destaque para análise de regressão múltipla e logística). Em ambas as etapas será dada ênfase a considerações de ordem teórica na análise crítica quanto a aplicação desses procedimentos e interpretação de resultados.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Introdução à análise de regressão.
2. Covariância e correlação.
3. Regressão linear simples e múltipla.
 - Estimação dos parâmetros;
 - Tabela de análise de variância (anova);
 - Distribuições de probabilidades: normal, t-student, f-snedecor;
 - Interpretação dos coeficientes;
 - Análise dos resíduos;
 - Teste f-parcial;
 - Correlação parcial e múltipla;
 - Variáveis indicadora;
 - Confusão e interação;
 - Escolha do melhor modelo.
4. Regressão polinomial.
5. Análise de tendência em séries históricas usando modelos de regressão.
6. Análise de regressão logística simples e múltipla.
 - O modelo logístico;
 - Estimação dos parâmetros;
 - Interpretação dos coeficientes;
 - Medidas de ajuste do modelo;
 - Confusão e interação;
 - Escolha do melhor modelo;
 - Análise de resíduos.
7. Modelagem hierárquica;

BIBLIOGRAFIA:

DAWSON-SANDERS, B; TRAPP, RG. Basic & Clinical Bistatistics. 3rd edition, Appleton & Lange/Mc Graw-Hill, 2001.

DRAPER, NR; SMITH, H. Applied Regression Analysis. John Wiley and Sons, 3rd edition. New York, 1998.

HOSMER, DW; LEMESHOW, S. Applied logistic regression. John Wiley and Sons, 2nd edition. New York, 2000.

KLEINBAUM, DG; KUPPER, LL; MULLER, KE; NIZAM, A. Applied regression analysis and other multivariable methods. 3rd edition. Brooks/Cole Pub Co, Boston, 1997.

CURNS, AT; MIZAM, A. Student solutions manual for Kleimbaum, Kupper, Muller and Nizam's Applied regression analysis and other multivariable methods. Brooks/Cole Pub Co, Boston, 1998.

KLEIBAUM, DG; KLEIN, M. Logistic regression. A self-learning text. 2nd edition. Springer-Verlag, New York, 2002.

MASSAD, E; MENEZES, RX; SILVEIRA, PSP; ORTEGA, NRS. Métodos Quantitativos em Medicina. Manole Editora Ltda. São Paulo 2004.



PROMOÇÃO DA SAÚDE

CÓDIGO: PSC-912
CH: 45h (3 CRÉDITOS)
EMENTA: Aprendizagem e desenvolvimento de habilidades gerenciais em Promoção da Saúde: trabalho intersetorial, participativo, formação de redes de solidariedade, advocacy e empowerment a partir do conhecimento e da análise da evolução histórica dos conceitos e marcos da Promoção da Saúde no mundo e no Brasil, do incentivo ao fortalecimento da capacidade analítica acerca de modelos de desenvolvimento e políticas públicas e sua influência sobre a qualidade de vida da população e do desenvolvimento de habilidades reflexivas e avaliativas do processo de trabalho e do enfrentamento de dilemas éticos cotidianos.

Conteúdo programático

- Evolução histórica e conceitual da Promoção da Saúde;
- Política Nacional de PS e Políticas Públicas;
- Intersectorialidade e Participação Social;
- Prevenção da Violência;
- Empoderamento;
- Municípios Saudáveis;
- Método Bambu;
- Capital Social;
- Saúde e Desenvolvimento Local.

BIBLIOGRAFIA:

AKERMAN, M et al. Delineando um marco conceitual para a Promoção da Saúde e Qualidade de Vida. Abrasco-Pró-GT de Promoção da Saúde e DLIS, Rio de Janeiro-Porto Alegre. 2003.

AKERMAN, M & MENDES, R & BOGUS, C.M. Avaliação em promoção da saúde: foco no "município saudável". Revista de Saúde Pública 36(5): 638-646. 2002.

ARROYO, H. (ed.) La promoción de la salud en América Latina: modelos, estructuras y visión crítica. San Juan: Universidad de Porto Rico. 2004.

BECKER, D. Organizações da sociedade civil e políticas públicas em saúde, pp.117-134. In J Garcia, L Landim & H Dahmer. Sociedade e políticas: novos debates entre ONGs e universidades. Editora Revan, Rio de Janeiro. 2003.

BECKER, D et al. Iniciativa de Vila Paciência: desenvolvimento local e promoção da saúde em cenário de grave exclusão. VII Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, vol. I. Abrasco, Rio de Janeiro. 2003.

BUSS, PM. Promoção da saúde e qualidade de vida. Ciência e Saúde Coletiva 5(1):163-177. 2000.

BUSS,PM & FERREIRA,JR. O que o Desenvolvimento Local tem a ver com a Promoção da Saúde? pp. 15-37. In: L Zancan, R Bodstein & WB

Marcondes (orgs.). Promoção da Saúde como caminho para o DesenvolvimentoLocal. Abrasco, Rio de Janeiro. 2002.

FAERSTEIN, E. O debate sobre qualidade de vida e saúde:outros aspectos a considerar. Ciência e Saúde Coletiva5(1):22-24. 2000.

Ferraz, S.T. Cidades saudáveis: uma urbanidade para 2000. Brasília, Paralelo 15,1999.

GALVÃO,JA. Agenda de Construção de uma Epidemia.ABIA-Ed. 34, Rio de Janeiro-São Paulo. 2000.

GIBBON,M & LABONTE,R & LAVERACK,G. Evaluating community capacity. Health and Social Care in theCommunity 10(6):485-491. 2002.: building community capital. Health Promotion International16(3):275-280.

HARTZ,ZMA. Pesquisa avaliativa em promoção da saúde, pp. 117-124. In Promoção da Saúde e Saúde Pública. Contribuição para o debate entre as Escolas de Saúde Pública da América Latina. ENSP, Rio de Janeiro, 1998.

Health Communication Unit, Centre for Health Promotion Evaluating Health Promotion Programs. University of Toronto, Toronto. 2002.

Hills M & Mullett J. Community based research and evaluation. Collaborative action for health and social change: a Workbook. University of Victoria, 2002.

Jewkes R. Evaluating community development initiatives in Health Promotion, pp.129-139. In M.2000.

THOROGOOD & Y COOMBES. Evaluating health promotion:Practice and methods.Oxford University Press, Londres. Johns Hopkins Urban Health Institute Whatiscommunity – based participatory research? Disponível em <<http://urbanhealthinstitute.jhu.edu/cbpr.html>>2004.

JUDD J, FRANKISH CJ & MOULTON, G. Setting standards in the evaluation of communitybased health promotion programmes: a unifying approach.Health PromotionInternational. Dec 16(4):367-380. 2001.

KEMENADE,S. Social capital as a health determinant? How is it defined? Applied Research and Analysis Directorate. 2002.

Health Canada: Policy Research Communications Unit. URL. Disponível em <<http://www.hcsc.gc.ca/iacbdgiac/araddraa/english/rmdd/wpapers/engsocial.pdf>.

KOGA, D. Cidades entre territórios de vida e territórios vividos. Serviço Social e Sociedade 72. Cortêz Editora,São Paulo. 2003.

LAVERACK,G & LABONTE,R. A planning framework for community empowerment goals within health promotion.Health Policy Plan 15(3):255-262. 2000.

LAVERACK,G & WALLERSTEIN,N. Measuring community empowerment: a fresh look at organizational domains. Health Promotion International 16:179-85. 2001.

LEFEVRE, F. e LEFREVE, A.M.C. Promoção da saúde. A negação da negação. Rio de Janeiro: Vieira & Lent Casa Editorial Ltda. 2004.

NUTBEAM, D. & WISE, M. Australia: planificación para una salud mejor. In: Promoción de la salud: una antología. Publicación científica 557 da Organización Panamericana de la Salud :OPAS. 1996.

OUELLET, F & DURAND, D & FORGET, G. Preliminary results of an evaluation of three healthy cities initiatives in the Montreal area. Health Promotion International 9:153-159. 1994.

PINHEIRO, R. & MATTOS, R. (orgs.). Cuidado: as fronteiras da integralidade. São Paulo- Rio de Janeiro: HUCITEC,

IMS, UERJ, ABRASCO. 2004.

RESTREPO, H. & MÁLAGA, H. (orgs.) Promoción de la salud: como construir vida saludable. Bogotá, Buenos Aires, Caracas, Madrid, Mexico, São Paulo: Editora Medica Panamericana. 2001.

RIFKIN, S.B. A framework linking Community Empowerment and Health Equity: it is a matter of CHOICE. Journal of Health, Population and Nutrition 21(3):168-180. 2003.

SMITH, B. et al. Problem-solving for better health. World Health Forum 15(1):9-15. SYMES, S.L. Social determinants of health: the community as an empowered partner. Preventing Chronic. 1994

VALLA, V.V. Educação popular, saúde comunitária e apoio social numa conjuntura de globalização. Cadernos de Saúde Pública 15(Sup. 2):7-14. 1999.

VASCONCELOS, E. O poder que brota da dor e da opressão: empowerment, sua história, teorias e estratégias. Ed. Paulus, Rio de Janeiro. 2004.

VELHO, G. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Jorge Zahar, Rio de Janeiro. 1994.

WALLERSTEIN, N. Powerlessness, empowerment, and health: implications for health promotion programs. American Journal of Health Promotion 6: 15 10/09/2008

WESTPHAL, M.F. O movimento Cidades / Comunidades Saudáveis: um compromisso com a qualidade de vida. Ciência e Saúde Coletiva 5(1):39-51. 2000.

WHO (World Health Organization) The Ottawa Charter for Health Promotion. Canadian Public Health Association, Ottawa. 1986.

WILKINSON, R & MARMOT, M. Social determinants of health: the solid facts. 2nd edition. World Health Organization, Copenhagen. 2003.

ZANCAN, L. & R BODSTEIN, R & MARCONDES, WB (orgs.). Promoção da Saúde como caminho para o Desenvolvimento Local. Abrasco, Rio de Janeiro.



MÉTODOS QUALITATIVOS DE PESQUISA EM SAÚDE

CÓDIGO: PSC-910

CH: 45h (3 CRÉDITOS)

EMENTA: Promover o conhecimento e a capacidade de reflexão sobre a pertinência e a validade das abordagens qualitativas na pesquisa em saúde e em ciências sociais e o reconhecimento da coerência entre a estratégia, o método de coleta e a análise dos desenhos qualitativos de pesquisa.

Objetivos específicos

- Apresentar as diferentes abordagens de estratégias de pesquisa qualitativa em saúde e em ciências sociais;
- Promover o conhecimento dos diferentes métodos de coleta de dados qualitativos e de análise de dados qualitativos, de maneira a que o mestrando seja capaz de conhecer, refletir e construir com rigor diferentes projetos de pesquisa qualitativa de acordo com o seu interesse;
- Fornecer subsídios para a tessitura de textos e artigos científicos com enfoque subjetivo /qualitativo;
- Fornecer subsídios para a gestão informatizada da análise de dados qualitativos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Introdução aos métodos qualitativos. Noções de base. Definição da metodologia qualitativa. Usos dessa metodologia;
- Pesquisa em Saúde Coletiva e em Ciências Sociais: três posições ontológicas;
- Elaboração do quadro conceitual;
- Formulação de questões de pesquisa. Definição do caso e delimitação do território;
- A tessitura de um texto;
- Dados qualitativos. Como articular dados qualitativos e quantitativos. A gestão dos dados;
- Métodos de coleta de dados qualitativos: fundamentos. Elaboração de quadro conceitual;
- Tipos de análise de dados qualitativos
- Dar um sentido: elaboração e verificação das conclusões. Critérios de qualidade das conclusões: objetividade, confirmação, confiabilidade, seriedade, auditabilidade, validade interna: credibilidade e autenticidade, validade externa: replicabilidade e integração. Utilização, aplicação e prescrição;
- Gestão informatizada da análise qualitativa: NVivo.

BIBLIOGRAFIA:

1. CAMPOS, R. O. Pesquisa qualitativa em Políticas, Planejamento e Gestão em Saúde. In Barros, N.F., Cecatti, J.G. & Turato, E.R. Pesquisa Qualitativa em Saúde. Campinas: UNICAMP/FCM. 2005.
2. DENZIN, N. & LINCOLN, Y. A disciplina e a prática da pesquisa da pesquisa qualitativa In N. DENZIN & Y. LINCOLN. O Planejamento da Pesquisa Qualitativa ? teorias e abordagens. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed Bookman. 2006.
3. DESLANDES, S.F. e GOMES, R. A pesquisa qualitativa nos serviços de saúde. Notas teóricas In BOSI, MLM & MERCADO, FJ (org.). Pesquisa qualitativa de serviços de saúde. Petrópolis: Vozes. 2004.
4. FLICK, U. A pesquisa qualitativa: relevância, história, aspectos. In U. Flick. Uma Introdução à pesquisa qualitativa. 2ª edição. Porto Alegre: Bookman.
5. FLICK, U. Entrevistas semi-estruturadas. In U. FLICK. Uma Introdução à pesquisa qualitativa. 2ª edição. Porto Alegre: Bookman.
6. FLICK, U. Observação, etnografia e métodos para dados visuais. In U. FLICK. Uma Introdução à pesquisa qualitativa. 2ª edição. Porto Alegre: Bookman.
7. FLICK, U. Dados verbais: uma visão geral. In U. FLICK. Uma Introdução à pesquisa qualitativa. 2ª edição. Porto Alegre: Bookman.
8. FLICK, U. Dados visuais: uma visão geral. In U. FLICK. Uma Introdução à pesquisa qualitativa. 2ª edição. Porto Alegre: Bookman.
9. FLICK, U. Entrevistas e discussões tipo grupos de foco. In U. FLICK. Uma Introdução à pesquisa qualitativa. 2ª edição. Porto Alegre: Bookman.
10. FRANCO de SÁ, R. Abordagens de pesquisa qualitativa: notas. Memo. s/d.
11. KITZINGER, J. Grupos focais com usuários e profissionais da atenção à saúde. In POPE, C., Mays, N. Pesquisa Qualitativa na Atenção à Saúde. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed. 2005.
12. LINCOLN, Y. & GUBA, E. Paradigmas e perspectivas em transição. In N. DENZIN & Y. LINCOLN. O Planejamento da Pesquisa Qualitativa - teorias e abordagens. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed Bookman. 2006.
13. POPE, C., ZIEBLEND, S. & MAYS, N. Analisando dados qualitativos. In: POPE, C., MAYS, N. Pesquisa Qualitativa na Atenção à Saúde. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed. 2005.
14. POTVIN, L., GENDRON, S., BILODEAU, A. Três posturas ontológicas concernentes à natureza dos programas de saúde: implicações para a avaliação. In: M.L.M. BOSI E F.J. MERCADO. Avaliação qualitativa de programas de saúde: enfoques emergentes. Petrópolis: Vozes Editorial, 2006.
15. SCHWANDT, T.A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa. In N. DENZIN & Y. LINCOLN. O Planejamento da Pesquisa Qualitativa - teorias e abordagens. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed Bookman. 2006.
16. Bibliografia complementar:
17. ANDER-EGG, E.; IDÁNEZ, M. Como elaborar um projecto: guia para desenhar projectos sociais e culturais. Buenos Aires, Lumen, 1997.
18. BARDIN, Laurence. Análise do discurso. Lisboa: Edições 70, 1994.
19. BARROS, A. P. de e LEHFELD, N. A de S. Fundamentos de metodologia. Um guia para a iniciação científica. São Paulo, McGraw- Hill do Brasil.
20. BOSI, M.L.M. & MERCADO, F.J. Avaliação qualitativa de programas de saúde: enfoques emergentes. Petrópolis: Vozes Editorial, 2006.
21. BOSI, Maria Lúcia M., MERCADO, Francisco J. (org.) Pesquisa qualitativa de serviços de saúde. Petrópolis: Vozes. 2004.
22. BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1998.
23. BRANDÃO, C. A pesquisa participante. 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1982.

24. BRANNIGAN, A. Base social das descobertas científicas. Rio de Janeiro, Zahar, 1984.
25. CARVALHO, M. (org.). Construindo o saber: metodologia científica, fundamentos e técnicas. 4.ed. São Paulo, Papirus, 1994.
26. CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo, Cortez, 1991.
27. DEMO, Pedro. Metodologia científica em Ciências Sociais. São Paulo, Atlas, 1981.
28. DENCKER, Alda & VIÁ, Sarah. Pesquisa empírica em Ciências Humanas. São Paulo, Futura, 2001.
29. DENZIN, Norman K., LINCOLN, Yvonna S. et al. O planejamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed e Bookman. 2006.
30. EZPELETA, Justa; ROCWELL, Elsie. Pesquisa participante. São Paulo: Cortez, 1989.
31. FLICK, Uwe. Uma introdução à pesquisa qualitativa. 2ª edição. Porto Alegre: Bookman. 2004.
32. GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1994.
33. GOLDENBERG, Miriam. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Record, 1997.
34. GONZÁLEZ REY, FERNANDO. Pesquisa Qualitativa e Subjetividade ? os processos de construção da informação. São Paulo. Pioneira Thomson Learning. 2005.
35. HENRY, Jonh. A revolução científica e as origens da ciência moderna. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.
36. LAPLANTINE, F. Antropologia da doença. São Paulo: Martins Fontes. 1991.
37. LAVILLE, Christian.; DIONNE, J. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre, ArtMed, 1999.
38. LEFÈVRE, F. E LEFÈVRE, A.M.C. O discurso do sujeito coletivo ? um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). Caxias do Sul. Educs. 2005.
39. MILES, M.B. E HUBERMAN, A.M. Analyse des données qualitatives. 2e édition. Bruxelles. Éditions De Boeck Université. 2005.
40. MINAYO, M.C. de S. & DESLANDES, S.F. Caminhos do pensamento: epistemologia e método. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2002.
41. NETTO, José & CARVALHO, M. Cotidiano: conhecimento e crítica. 3.ed. São Paulo, Cortez, 1994.
42. PAILLE, P. E MUCCHIELLI, A. L'analyse qualitative en sciences humaines et sociales. Paris. Armand Colin. 2003.
43. POPE, C., MAYS, N. Pesquisa Qualitativa na Atenção à Saúde. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed. 2005.
44. RUDIO, F. Introdução ao projeto de pesquisa científica. 8.ed. Petrópolis, Vozes, 1983.
45. SCHÖN, D.A. Le praticien réflexif - à la recherche du savoir caché dans l'agir professionnel. Montreal. Les éditions logiques. 1994.
46. THIOLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo, Cortez, 1995.
47. TRIVINOS, A. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo, Atlas, 1987.
48. YIN, Robert K. Estudo de caso. Planejamento e métodos. 3ª edição. Porto Alegre: Bookman. 2005.



EPIDEMIOLOGIA DO ENVELHECIMENTO

CÓDIGO: PSC-907
CH: 45h (3 CRÉDITOS)
EMENTA: Esta disciplina pretende subsidiar os alunos com informações necessárias para a elaboração de seu projeto de dissertação de mestrado, através da discussão das diferentes etapas nele implicados. Além disso, deverá constituir-se num fórum de participação conjunta dos orientadores e seus alunos que será desenvolvido durante o primeiro ano do curso.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Reconhecimento dos fatores determinantes da transição demográfica brasileira e as principais características do processo;
- Análise da influência da transição demográfica no perfil epidemiológico e as principais características da população idosa brasileira e nordestina segundo variáveis socioeconômicas e de saúde;
- Bases conceituais de autonomia, funcionalidade e principais protocolos de avaliação;
- Análise dos modelos de estudos epidemiológicos aplicados ao segmento idoso;
- Impacto do envelhecimento na população brasileira e as novas propostas de organização da atenção gerontológica.

BIBLIOGRAFIA:

ANDERSON, M.I. P. Saúde e Condições de Vida do Idoso no Brasil. In: PRADO, S. D. (org.) Textos sobre Envelhecimento. Rio de Janeiro: ano 1, n.1, UERJ/UnATI, 1998.

ARAÚJO ALVES, J.C; ALVES, M. I. C. Perfil da População Idosa no Brasil. Textos sobre Envelhecimento. Rio de Janeiro: ano 3, n.3, UERJ/UnATI, 2000. p.7-19.

BRASIL. Decreto-lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso e cria o Conselho Nacional do Idoso. Brasília, DF: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, 1998.

CARVALHO, J.A.M.; GARCIA, R.A. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.19, n.3, p.725 - 733, 2003.

COELHO FILHO, J.M; RAMOS, L. Epidemiologia do Envelhecimento no Nordeste do Brasil: resultados de inquérito domiciliar. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v.33, n.5, p.445-53, 1999.

COSTA, M. F. L; GUERRA, H. L; BARRETO, S. M; GUIMARAES, R.M. Diagnóstico da situação de saúde da população idosa brasileira: um estudo de mortalidade e das internações hospitalares públicas. Informe Epidemiológico do SUS, Brasília, v.9, n.1, p. 23-40, 2000.

CHAIMOWICZ, F. Os idosos brasileiros no século XXI: demografia, saúde e sociedade. Belo Horizonte: Postgraduate, 1998. 92p.

DEBERT, G. G. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Fapesp, 1999. 226p.

LITVACK, J. El envejecimiento de la población: un desafío que va más allá del año 2000. Bol. Oficina Sanitaria Panamericana. v.101, n.1.p.1-5, 1990.

PAPALÉO NETTO, M. O estudo da velhice no século XX: histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, E. et al. (Orgs.) Tratado de geriatria e gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p.2 -12.

RAMOS, L.R. Epidemiologia do envelhecimento. In: FREITAS, E. et al. (Orgs.) Tratado de geriatria e gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p.72 - 78.

VERAS, R.P. País Jovem de Cabelos Brancos: A Saúde do Idoso no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 1994. 223 p.